

O "ERICEIRA"

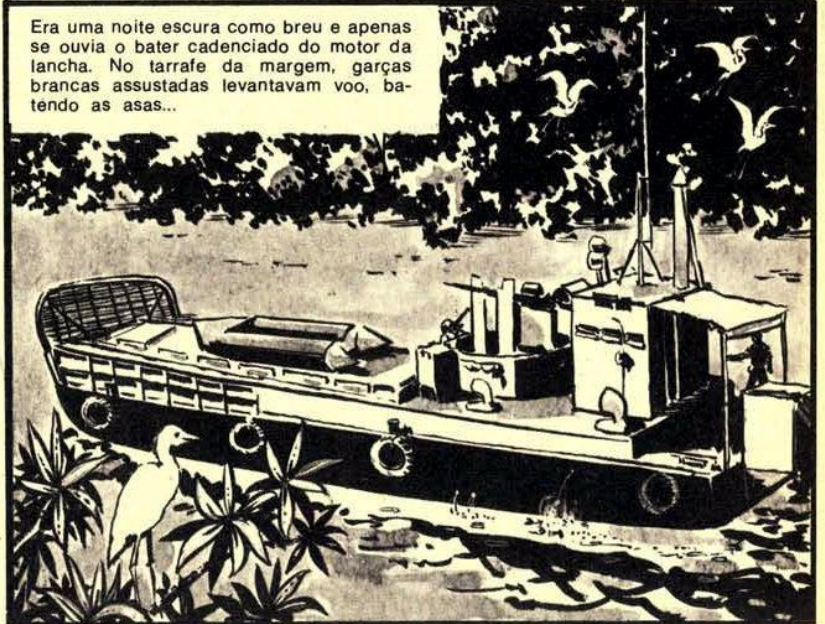
TEXTO EXTRAÍDO E ADAPTADO DOS "ANAIIS DO CLUBE MILITAR NAVAL"
ADAPTAÇÃO E DESENHOS DE BAPTISTA MENDES

Eduardo Henriques Pereira nasceu na Ericeira, em 1946. Entre pescadores cresceu e se fez homem. Não admira pois que, na altura de defender a Pátria, se alistasse como voluntário na Armada. Naturalmente expansivo e muito conversador, cedo se tornou figura popular. O «Ericeira», como o alcunharam, não era só de palavras. Quando passava à acção era uma autêntica força da natureza. Embora de figura franzina, era de tèmpera rija, destemido.

Desembarcou na Guiné, com 18 anos, com o D.F.E.9, como ordenança do comandante...



Era uma noite escura como breu e apenas se ouvia o bater cadenciado do motor da lancha. No tarrafe da margem, garças brancas assustadas levantavam voo, batendo as asas...



Com água e lama pela cintura os fuzileiros foram avançando até terra firme. Depois seguiram pelas bolanhas alagadas...



Clareava o dia quando o ataque se deu. A granada de bazooka explodiu, atirando o «Ericeira» ao chão. Dois camaradas torciam-se com dores.

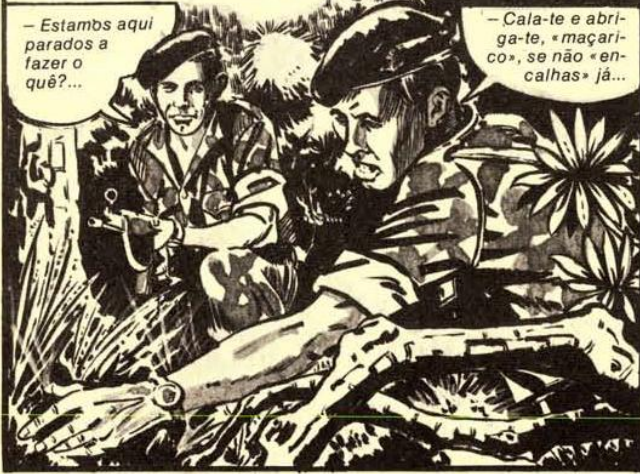


Revista da Armada, ed.5, Fev1972

O comandante deu ordem para envolver o inimigo. Contudo, o fogo era tão intenso que não parecia possível executar a manobra...

— Estabms aqui parados a fazer o quê?...

— Cala-te e abriga-te, «maçari-co», se não «en-calhas» já...



Mas o «Ericeira» levanta-se e, correndo, saltando, agachando-se, lança-se na direcção do inimigo, indiferente às balas que sibilam à sua volta. Alguns companheiros seguem-no, então, enquanto outros cobrem o avanço com bazookas e metralhadoras pesadas...

— A eles!

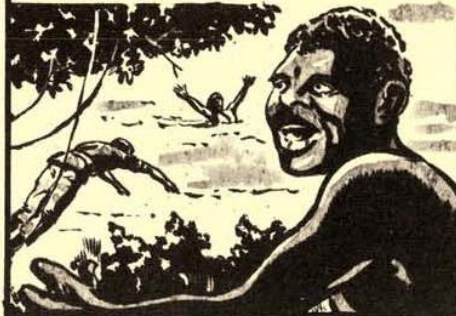


Quando o «Ericeira» entrou na mata ainda viu os «turras» a fugir. O combate acabara...

— Bravo, «Ericeira»! Salvaste o destacamento duma situação difícil.



Nas primeiras operações chegou a ser admoestado pelo comandante, porque, ao soarem os primeiros tiros, como por encanto, desaparecia a ordenança, pois o «Ericeira» saltava imediatamente em direcção ao inimigo. Sempre se haveria de destacar nas operações em que entrava. Nada receava. E era correcto, leal e amigo de todos os camaradas. Mais de uma vez arriscou deliberadamente a vida para tirar companheiros de apuros. Numa licença que veio gozar à Metrópole salvou, na Ericeira, um pescador que caíra ao mar, com mau tempo, e que a rede prendera. E logo a seguir, na Guiné, salvou um nativo que caíra a um rio caudaloso, onde havia jacarés.



O «Ericeira» regressou à Metrópole. Mas o sangue fervia-lhe nas veias. Três meses depois embarcava para a Guiné, novamente como voluntário, no D.F.E.7.

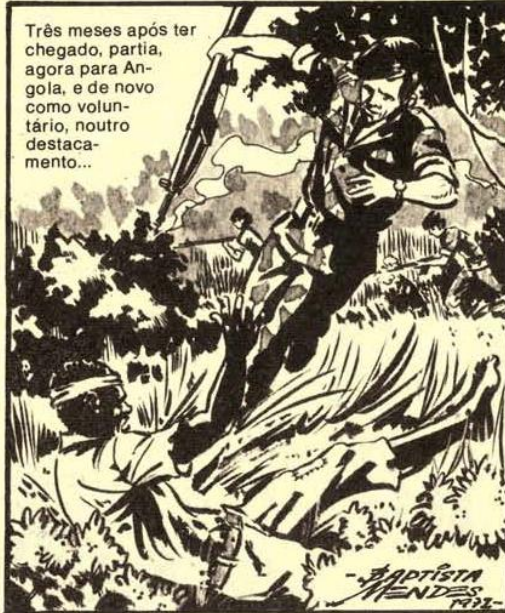


— Foi só o tempo para matar saudades de minha Mãe...

Quando regressou, trazia uma Cruz de Guerra, vários louvores e mais alguns episódios vividos em que a sua temeridade fora o fulcro da acção.



Três meses após ter chegado, partia, agora para Angola, e de novo como voluntário, noutra destacamento...



O «Ericeira» morreu em Angola, numa madrugada chuvosa. Uma bala perdida ceifou a vida ao heróico fuzileiro...



No dia do seu funeral, o comércio da Ericeira encerrou as portas e, pode dizer-se, todo o povo da terra que foi o seu berço lhe prestou a última e justa homenagem, incorporando-se no funeral.